

A história que eu queria contar...

- Colectânea de Contos -

Vários autores



Tecto de Nuvens

Apresentação

“A história que eu queria contar” – ou qualquer das expressões que lhe são sinónimas – é das frases que mais ouvimos. Pode ser uma realidade factual, uma ficção que serve de moralidade há vários séculos, pode ser um daqueles conteúdos transversais no tempo e espaço. E tanto pode ser uma pessoa específica (real), como uma daquelas personagens, fruto da imaginação (e frequentemente do medo), comuns a tantas civilizações. Em comum, a vontade de partilhar a história, o ensinamento e, muito frequentemente, uma auto-reflexão decorrente da mesma.

Este livro pretendeu dar a oportunidade de fixar no papel essas histórias, sendo que muitas delas têm vivido na tradição oral, e outras têm tido como cofre a memória de quem as conta. O privilégio da palavra escrita é ser veículo, não só de divulgação, mas também de transporte para outros mundos, realidades e experiências, ora muito próximas das contadas ou tão diferentes que poderiam vir de um universo paralelo.

“Noupload” criou a imagem fantástica, intitulada “Rules” (regras), que usamos na capa. E que fantástica mesmo! – E não, não é só por ter nuvens!...- A tela em branco que é a folha, e o próprio terreno árido do fundo, abrem para o infinito do céu e das nuvens e a chave abre, literalmente, a porta que é o livro. Não há imagem melhor para um livro do que ser uma porta, uma passagem, para outros mundos, outras realidades, outras personagens. E quando se acaba o livro, fecha-se a porta (mas guarda-se a chave!) e regressa-se ao nosso mundo, à nossa realidade.

- Em tempo de confinamentos não admira que o livro tenha voltado em força, pois permite todo o tipo de viagens, sem passaportes, quarentenas ou vacinas. Vendo o positivo das coisas, o livro recuperou, e merecidamente, o seu estatuto tanto de melhor amigo, como de objecto mágico. –

A imagem remete ainda para um outro momento paradigmático, não é por acaso que a chave está sobre o papel, é ao autor, em primeiro lugar que é dada a possibilidade de abrir a porta para o novo mundo, edificando-o, alterando-o, formatando-o até estar o que pretende e poder estabelecer o modo como vai funcionar (regras/rules). Terminada a tarefa, entrega a chave a cada um dos leitores e dá-lhes entrada neste novo mundo. Um mundo tão mágico que em comum a cada leitor haverá apenas a porta e a chave, o que vai viver no seu interior vai variar de leitor para leitor.

É nosso privilégio, neste 23 de Abril de 2021, Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor, entregar-lhe a chave que abre a porta desta colectânea e desejar-lhe a melhor das estadias!

Boas leituras!

Teresa Cunha, editora

Seja criativo, escreva um conto, escreva um poema e participe também nas nossas colectâneas, há sempre lugar para mais um; basta contactar-nos.

Em todas as edições temos pedido aos leitores que votem no seu texto favorito, é uma maneira de os leitores incentivarem os autores, mas também de se habilitarem a um prémio. Vamos manter essa tradição nesta colectânea.

Veja, por favor, como o fazer na última folha deste livro.
Muito obrigada!

Era uma pessoa muito bonita

Esta é uma das mais belas histórias de vida que acompanhei de perto. A palavra “bela” tem nesta história uma expansão significativa muito ampla: a beleza de duas vidas que se dão num compromisso de amor profundo, a intensidade emocional duma beleza física que aos poucos se transforma em invisível para os olhos e deslumbrante para o coração.

A Joana nasceu no seio duma família normal. Os seus pais já quase tinham perdido a esperança de terem filhos. Naturalmente, o seu nascimento veio preencher um enorme vazio. Em criança sempre foi uma menina doce, alegre, encantadora. Na adolescência, a Joana foi-se tornando uma mulher muito bonita, elegante. Era dotada de um encanto muito especial. Os rapazes, apesar de sentirem uma grande atração por ela, não ousavam qualquer tipo de aproximação.

No dia em que terminou a sua licenciatura, confessou à mãe que se sentia frustrada e cansada de viver. Todas as suas amigas tinham namorados, algumas com projectos familiares para o futuro imediato. Ela estava só. A mãe procurou tranquilizá-la, dizendo-lhe que os rapazes talvez tivessem receio de se aproximarem, por ela ser tão bonita. Mas, um dia, alguém iria aparecer qual príncipe encantado.

De facto, a mãe tinha razão. Na universidade, onde era assistente, conheceu um professor, um pouco mais velho. Foi quase um amor à primeira vista. Nunca, até conhecer a Joana, tinha pensado em compromissos. A sua carreira universitária tinha sido a grande aposta da sua vida. Mas agora, tudo seria diferente. Rapidamente descobriu que havia demasiadas afinidades com a Joana, até o nome. João e Joana: uma combinação perfeita.

As decisões do Padre Thomas

Thomas Kevin era de origem belga. Mãe belga e Pai africano, congolês... mulato.

Era o mais novo de sete irmãos nascido no final dos anos 80. Fora educado de forma espartana. Embora a mãe fosse liberal o pai era bastante conservador e até um pouco reservado. Nunca lhe expressara o seu amor por palavras. Embora Thomas soubesse ser amado. A mãe era mais expressiva, sorridente, solta.

Como último filho, vestira-se, sempre, com o resto da roupa dos irmãos mais velhos. Tinha uma única irmã, que o adorava e mimava.

Toda a sua adolescência e meninice fora passada à volta de livros, num canto da sala ou à luz do candeeiro no quarto.

Os irmãos brincavam, gritavam, gargalhavam, mas raramente o chamavam para uns chutos na bola ou para os cigarros fumados às escondidas. Era demasiado novo.

Nunca se queixou. Conforme crescia, torna-se mais bonito e proporcionalmente reservado. Mesmo com a mãe pouco já dialogava...abria-se com a irmã e lia.

Adorava os sermões do Padre António Vieira que havia descoberto num baú no sótão em versão francesa. Cinco volumes. Duzentos e quatro sermões. Atraía-o a retórica, o simbolismo mas também a aventura de referências biográficas tais como a inveja e a ingratidão da pátria, a defesa dos índios e dos judeus, a missionação e a diplomacia exercidas pelos jesuítas do século XVII.

Tantas vezes imaginava-se a pregar por países exóticos, deslumbrantes. Por diversas alturas dava consigo próprio a falar sozinho num canto como se para uma plateia.

DUAS MULHERES, UM DESTINO

Íris é uma mulher cheia de vontade e de sonhos, mas sabe que a realidade da vida tem sido um caminho árduo.

Hoje a minha viagem foi curta, foram umas quantas milhas até Union City. Fui lá para entregar uma obra de arte para a exposição que se aproxima, em Nova Iorque, e da qual Íris é a curadora.

Normalmente o trânsito é caótico, mas hoje nem foi tão mau assim, talvez devido ao horário em que me desloquei.

A artista estava à minha espera não só para receber o meu trabalho, mas também para um refresco e uma cavaqueira artística. Falámos de trabalho e da vida. Conversámos sobre tanta coisa que já não me consigo recordar de tudo. Foram palavras puxando palavras, por horas a fio, com um copo de sumo a acompanhar. Consigo apenas recordar na minha mente a viagem que a Íris fez do Brasil para os Estados Unidos. Jamais poderei esquecer a sua história! Uma história, talvez parecida com tantas outras, mas que me tocou profundamente. Porventura parecida à minha, ou quiçá seja um pouco diferente.

Um dia contarei a minha viagem que sendo tão parecida a tantas outras, é tão diferente nos pormenores.

A história de Íris será uma história quase como a da Rosa que chegou na mesma altura, apenas de um lugar diferente. Uma saiu da capital citadina do grande Brasil e a outra saiu de uma pequena vila portuguesa. Ambas tinham um mesmo destino e um mesmo objectivo: o de chegar à grande América do Norte, onde os sonhos se dizem possíveis – o grande sonho americano -.

Uns saem por motivos de necessidade de uma vida melhor e, como tal, à procura de trabalho, e ainda há

o senhor francisco

um dia destes as minhas irmãs a bé e a ni lembraram o senhor francisco. estávamos a jantar quando a bé o lembrou. e bem. principalmente aquela figura que não sai das nossas cabeças da sua saída para o hospital. o senhor francisco tinha duas hérnias. andávamos no ano de mil novecentos e sessenta e cinco. as minhas irmãs são mais novas que eu. as duas hérnias eram contidas por uma funda que as pressionava a não crescerem. quando alguma delas crescia era necessário colocar perto das brilhas uma almofada quente para as diminuírem. o seu crescimento seria fatal. aliás ainda hoje o é. só que os métodos usados atualmente não são os de antigamente.

bem o senhor francisco naquela noite viu crescerem as duas hérnias. passou uma noite a ranger os dentes de dores. o médico chamado. creio que era o doutor barroca. não viu como acomodar as hérnias. foi necessário chamar os bombeiros na manhã seguinte para o levarem para o hospital. na nossa casa havia uma cancela de madeira. era ripada. como se diz. do lado da direita porém este ripado era fixo. o senhor francisco não queria ir para o hospital. de maca saiu do seu quarto e as suas mãos fincaram na parte fixa de madeira. foi necessário tirá-las porque ir para o hospital era necessário. foi esta imagem que nunca nos deixará a memória. o senhor francisco morreria durante a noite seguinte. hospital de santo antónio. este agarrar à vida e não querer sair da sua camita.

o senhor francisco tinha sido boletineiro dos correios. entregava os telegramas. entrou na reforma. ou como se dizia na aposentação. os correios na altura eram do estado. por isso tinha uma reforma agradável. e vivia assim. não sei como o senhor francisco foi viver lá para casa. e porque.

MARIANA

Tomás espera o regresso dos pais. Na sala atira os brinquedos e gatinha de um canto para o outro. Mariana, a criada, de olho nele, anda por ali nas lides da casa. Prepara o jantar enquanto passa o pano do pó sobre alguns dos móveis. Laura, irmã mais velha de Tomás, conversa com a ama que, enquanto trabalha conta-lhe histórias da sua infância. As cadeiras desalinhadas são colocadas junto à parede ou sob as mesas. Mariana, sem tempo para más-disposições, torna aquelas três horas e meia de azáfama numa rotina em que o diálogo, o murmúrio, o silêncio, os gritinhos, os sorrisos e os choros convivem com os limites da paciência e a fronteira do desabafo. Tomás brinca e joga fora os brinquedos, Laura curiosa, a querer ajudar, atenta e interessada ao que faz Mariana, diz, arranja e dá-lhe um jeito, segue a criada por aqui e por ali; em bicos de pés estende o seu olhar e espregueia todos os movimentos da ama.

- Curiosa. Os teus pais podiam regressar mais cedo. Tanto trabalho cansa e o Tomás sente muito a falta deles.

- E eu também. Quando for grande vou tentar um trabalho que me permita estar com os meus filhos. Vou ter quatro.

- Decidida. Crescer é aprender, é apurar o comportamento, buscar ideias e acrisolar a educação.

- Acrisolar? Outra vez a enervares-me. Quem te ensinou a falar assim?

- A minha professora primária. Vigia-me o Tomás. Que estará ele a fazer na sala? Põe os brinquedos no baú.

- Está a tentar montar o cavalo que o pai lhe deu outro dia.

- O teu pai estraga-o com mimos. Podias ajudar o teu irmão na sua tarefa. É pequenino e muito dificilmente conseguirá montar aquela geringonça.

LAURA

Laura está irrequieta. Naquela manhã, naquela tarde, tudo está desarrumado, nada está no seu lugar e os colegas fazem mais barulho que o costume ou estão demasiado quietos. A educadora impacienta-se, toma cuidados, interroga-se sobre os sinais de inconformismo que Laura ostensivamente mostra. Parece que “tem bichos-carpinteiros”. Calada ou a arreliar os companheiros, deambula pela sala num atrevimento inusual. Pouco atenta às orientações de educadoras e auxiliares, evitando as constantes chamadas de atenção, desgostosa, prefere saltar sozinha sobre um tapete colorido estendido na parte superior da sala. Quando um dos seus companheiros mais pequenos chora ou protesta, corre em seu auxílio e encara séria, repreende quem se ri ou demonstra pouca compreensão. Ao almoço foi necessária muita insistência para que engolisse um pouco de peixe e arroz. Gosta de alface mas, apesar do cuidado de uma das auxiliares com quem Laura simpatiza, o seu apetite decidiu-se pela desorganização e Laura foi incapaz de comer. O tapete ao fundo da sala é o seu refúgio, o seu confidente.

Foi a última a entrar na camioneta que a transporta para casa. Resiste antes de entrar. Ri-se e afirma querer ficar na escola. Fica só, sem medos nem receios; encolhe os ombros, fica sozinha a dormir sobre o tapete estendido na sala. Para a cobrir utiliza um dos cobertores existentes na escola. Vencida e obediente, entra relutante; sozinha, faz questão de dispensar a ajuda.

Sentada num dos lugares traseiros da camioneta, permanece alheada, distante, indiferente. As outras crianças, suas colegas, fazem ruído, barulho, ouvem-se gritinhos e sorrisos, palavras infantis e outras de aviso a aconselhar calma e prudência mas Laura, olhos no teto, pensava quem

Histórias de uma jovem esposa e mãe

Quando tinha vinte e três anos fui dar aulas para uma aldeia, onde tive necessidade de residir durante um ano.

Não havia muitas casas para alugar, mas consegui arranjar uma moradia de quatro frentes, com um pequenino jardim à frente e um quintalzinho atrás. Como era uma casa de aldeia seguia as normas da época: habitação no primeiro andar e lojas para tudo (arrumos, loja para o porco, galinheiro, etc.) no rés – do - chão.

O meu marido ainda estava na tropa (estive lá quatro anos), só ia a casa aos fins-de-semana. Como eu tinha um bebé de dois meses, precisava arranjar uma empregada para me ajudar e cuidar do bebé enquanto estava na escola. Indicaram-me uma moça de quase vinte e um anos, filha de uns pequenos lavradores com muitos filhos, que ela tinha ajudado a criar, e que, por isso, já tinha prática em cuidar de bebés — assim me disseram!

Logo no primeiro dia concluí que cuidar de bebés não era o forte dela, mas como não tinha mais onde escolher, resolvi ensinar-lhe o básico de forma a cuidar dele durante a tarde, na minha ausência.

Logo nos primeiros dias tentou convencer-me a arranjar umas galinhas para ocuparem o espaçoso galinheiro e assim ter ovos para consumo da casa e aproveitamento dos restos de comida e do excedente de couves do quintal. Por mais que lhe dissesse que não percebia nada de galinhas e que talvez fosse possível arranjar quem vendesse alguns ovos, ela insistiu que dessas coisas percebia ela e que se responsabilizava por esse serviço.

Um dia, a meio da tarde, eu e o meu marido resolvemos ir visitar um casal amigo. Durante a conversa

Cândida partilha

Tinham começado a brilhar os primeiros raios de sol, loiros e finos como os cabelitos da Aninhas. O recreio, sempre apinhado de meninos e meninas parecia, todo ele, um vasto jardim em flor. Havia para todos os gostos: batas cor-de-rosa, castanhas, azuis, verdes, amarelas, roxas, lilases... Bastava que obedecessem a um determinado modelo e que o tecido liso se harmonizasse com o de xadrez, ambos obrigatórios.

O inverno tinha sido muito rigoroso: ventos fortes que zumbiam e derrubavam árvores; chuvas torrenciais que formavam rios espumosos e tudo levavam na frente; trovoadas medonhas que faziam estremecer paredes; contínuas falhas de luz que mudavam o dia em noite e que os relâmpagos voltavam a iluminar...

E até a neve, nesse ano, tinha estendido seu alvo lençol de seda. Que alegria! Nesse dia, as crianças em alvoroço, saltaram para o pátio e agarravam no ar ténues flocos branquinhos que se desfaziam nas suas mãos pequeninas. A Su, palmo e meio de gente, exclamava admirada:

- São *filoles!* São *filoles!*

Todos batiam palmas. A educadora também. Só que a neve era fria e arrefecia as mãos. Por isso ela meteu ao bolso o anel de bolinhas de prata por, a cada palma, lhe magoar os dedos. Mais tarde, já em pleno verão, as crianças continuavam a escavar a areia leve e a terra dura sempre na esperança de encontrar o anel que a sua educadora acabara por perder no dia em que nevou. Mas não faltou quem lhe oferecesse de novo outro igual.

Agora, o pátio ainda mostrava os estragos causados pelo rebentamento da conduta de água subterrânea: aqui e

O Homem Mistério

Era uma vez uma escola muito, muito grande, situada ao lado de uma encantadora vila muito plana e com largas avenidas embelezadas por árvores e flores. Nessa vila vivia um sem número de pessoas: muitas tinham nascido lá; outras eram oriundas de diferentes partes do país para aí trabalhar. Dizia-se que os nativos eram desconfiados, quase “*bichos do buraco*”, preguiçosos e incapazes de partilhar. Mas não era assim. Afáveis, bem-humorados, trabalhadores e generosos, só precisavam de algum tempo para se abrir ao desconhecido. Talvez a isso, se possa chamar prudência.

As casas, muito abraçadinhas, eram baixas; e baixas eram as pequenas janelas engalanadas de um azul vivo, a dar-lhes maior visibilidade e beleza. Abriam-se junto ao passeio e deixavam ver o interior modesto, muito limpo e arrumado. Nelas se debruçavam os donos para conversar com quem passava e, nalgumas, gorduchos gatos preguiçosos gostavam de dormir a sesta, nas tórridas tardes de estio.

Perto da escola havia uma igreja elegante com sua torre sineira que não se cansava de badalar as horas e de chamar para o culto. Logo a seguir, um imenso olival ainda jovem, que abrigava a barraquinha de uma família cigana com seus lindos meninos e canídeos além do manso burrito, era recortado por carreiros e carreirinhos que conduziam a diferentes lugares. Um desses carreiros, o mais largo e mais batido, ia dar a essa escola que tinha o nome de uma menina chilena. Depois de passar o carreiro, bastava atravessar a estrada.

De cor amarela e castanha, era constituída por rés-do-chão e primeiro andar não faltando um amplo ginásio utilizado, orgulhosamente, também pelos pequenitos. Frequentada por muitos meninos e meninas dos três aos dezasseis anos, mais

O SERMÃO DO SERÃO, COM A SENHORA AMADA E O SENHOR SABICHÃO

Ora esta história passa-se entre duas personagens, a saber: a Sra. Amada e o Sr. Sabichão, e passou-se a um entardecer de serão, num sermão que o segue, e que é o exemplo de mais uma família neste tempo de quarentena, e pode-se ter passado numa cidade, num lar, numa aldeia, ou numa casa, onde a Sra. Amada, representa o universo da mulher, e o Sr. Sabichão, o universo de um homem, na contumaz vivência de nossos dias, e em suas revelações de viver quotidiano. Apelando à moral e aos bons costumes, a que se prevê e até, como exemplo de uma típica casa portuguesa.

Numa acesa conversa, como que ateando o fogo de uma linda canção...

Assim começa este sermão: em que o Sr. Sabichão pergunta à Sra. Amada: O que se passa no seu fogo?

Oh senhora Amada que de um tostão faz aforro, e faz rolo de louco, com coração de oco!

Ao que ela retorque: que nem no seu corpo, nem na carteira! Ou o Sr. Sabichão sabe o que é mexer no fogo?

Então ele diz: que o tempo está lazarento! Que está mole como o sono...

E ela responde-lhe: Teus desejos são para mim, mais fortes que braços inchados. Teus desejos não teriam fim: se não fossem abençoados, (por meus e por teus pecados).

Então ambos cantam: Nosso hino em louvor, com calor e emoção, faz-se um tão lindo entardecer, serão de verão...

Então a Sra. Amada pergunta ao Sr. Sabichão: E tu, ó homem, porque falas a não ser por descarga de pensamento?

Ao que o Sr. Sabichão responde: Pergunta ao tempo, e o tempo o dirá: quantas vezes amaram em pensamento?

Apenas uma: A palavra Mãe!

Enquanto a Sra. Amada retorquiu: Que nos faria ao ver-nos

Índice

Apresentação		7
António Jesus Cunha		9
	Era uma pessoa muito bonita	11
Bastos Vianna		15
	As decisões do Padre Thomas	17
Ilda Pinto de Almeida		25
	DUAS MULHERES, UM DESTINO	27
Joaquim Armindo		37
	o senhor francisco	39
Manuel Martins		43
	MARIANA	45
	LAURA	59
	TOMÁS	73
Maria do Rosário Cunha		89
	Histórias de uma jovem esposa e mãe	91
Maria Lucília Teixeira Mendes		97
	Cândida partilha	99
	O Homem Misterioso	110
Timóteo Pernas		121
	O SERMÃO DO SERÃO, COM A SENHORA AMADA E O SENHOR SABICHÃO	123
Índice		139